



Zeca Afonso



Ana Bacalhau

Imagem: António Faria

# A canção popular deu-nos mais um hino

Separadas por 48 anos. Os Deolinda cantam uma “geração adiada” e José Afonso uma abafada. O pai de “Grândola, Vila Morena” usava metáforas para fugir à PIDE, os Deolinda falam sem recursos estilísticos e mesmo assim não esperavam a reacção do público. Trocaram-se os punhos no ar pelos telemóveis em riste. Com mais de 320 mil visualizações no YouTube e dezenas de crónicas, a geração “sem remuneração” descobriu um hino? Aqui ficam duas letras para apreciar e tirar as suas conclusões



## Problemas sociais

Recibos verdes, IVA, desemprego e estágios, ou pela ordem inversa, são o dia-a-dia dos jovens. Mas como a historiadora Irene Pimentel refere, esta música é universal, tal como “Movimento Perpétuo Associativo”. José Sócrates não é mencionado como na letra sobre o Sr. Engenheiro, “Sem Eira nem Beira” dos Xutos & Pontapés, mas as críticas da juventude têm-no como alvo.



## Internet

Com mais de 320 mil visualizações, foi graças a um vídeo de telemóvel que a canção se tornou conhecida. No YouTube, os fãs juntaram-se e marcaram o “Protesto da Geração à Rasca, 12 de Março – Av. da Liberdade, Lisboa”. A música de José Afonso também tem tido mais comentários como o de ontem: “Eles comiam tudo?! E agora?”



## Intervenção, eu?

Os Deolinda não previam o que aconteceu nos Coliseus. Experimentaram a canção, ainda não gravada, porque era a que tinha o arranjo terminado. Agora vão lançá-la com mais qualidade. “Foi com grande surpresa e emoção que assistimos a uma reacção tão intensa e espontânea por parte das pessoas que estavam a ouvir uma música inédita”, anunciaram em comunicado. O autor da letra, Pedro da Silva Martins, explicou à “Time Out” que a música surgiu de uma expressão do irmão Luis (baixista da banda) que cada vez que se engana a tocar guitarra diz: “Que parvo que sou.”

2011

Deolinda  
“Parva que sou”  
Música e letra:  
Pedro da Silva Martins

Sou da geração **sem remuneração** e não me incomoda esta condição.  
Que parva que eu sou!  
Porque isto está mal e vai continuar,  
já é uma sorte eu poder estagiar.  
Que parva que eu sou!  
E fico a pensar,  
que mundo tão parvo onde para ser escravo é preciso estudar.

Sou da geração ‘casinha dos pais’, se já tenho tudo, pra quê querer mais?  
Que parva que eu sou  
Filhos, maridos, estou sempre a adiar e ainda me falta o carro pagar  
Que parva que eu sou!  
E fico a pensar,  
que mundo tão parvo onde para ser escravo é preciso estudar.

Sou da geração **vou queixar-me** pra quê?  
Há alguém bem pior do que eu na TV.  
**Que parva que eu sou!**  
Sou da geração ‘eu já não posso mais!’ que esta situação dura há tempo demais  
E parva não sou!  
E fico a pensar,  
que mundo tão parvo onde para ser escravo é preciso estudar.

O mais importante é a letra nestas formas musicadas de intervenção política. “A letra dos ‘Vampiros’ faz a diferença. A melodia é enérgica mas com outro texto não teria o mesmo impacto”, diz Rui Vieira Nery. Irene Pimentel alerta para uma diferença entre as duas músicas: “A de Zeca é um protesto, a dos Deolinda é uma constatação de forma crítica.”



1963

José Afonso  
“Vampiros”  
Álbum “Baladas de Coimbra”  
Composição: José Afonso

No céu cinzento sob o astro mudo  
Batendo as asas pela noite calada  
Vêm em bandos com pés veludo  
**Chupar** o sangue fresco da manada

Se alguém se engana com seu ar sisudo  
E lhes franqueia as portas à chegada  
Eles comem tudo  
Eles comem tudo  
E não deixam nada [Bis]

A toda a parte chegam os vampiros  
Poisam nos prédios poisam nas calçadas  
Trazem no ventre despojos antigos  
Mas nada os prende às vidas acabadas

São os mordomos do universo todo  
Senhores à força mandadores sem lei  
Enchem as tulhas bebem vinho novo  
Dançam a ronda no pinhal do rei

Eles comem tudo  
Eles comem tudo  
Eles comem tudo  
E não deixam nada

No chão do medo **tombam os vencidos**  
Ouvem-se os gritos na noite abafada  
Jazem nos fossos vítimas dum credo  
E não se esgota o sangue da manada

Se alguém se engana com seu ar sisudo  
E lhe franqueia as portas à chegada  
Eles comem tudo  
Eles comem tudo  
Eles comem tudo  
E não deixam nada

**Eles comem tudo**  
Eles comem tudo  
Eles comem tudo  
E não deixam nada



## Problemas sociais

Vivia-se numa ditadura, em plena guerra colonial, o país estava asfixiado pelo presidente do Conselho, Oliveira Salazar. “Os ‘Vampiros’ simboliza a falta de liberdade e a censura. Alguém andava a sugar o sangue dos portugueses”, diz o musicólogo Rui Vieira Nery.



## Fluxos e diferenças

Hoje há ordenado mínimo (475€), subsídio de desemprego, coisas quase impensáveis na década de 60. Mas também há instabilidade e, segundo revelou em 2010 a Comissão de Especialidade de Fluxos Migratórios, só na década de 60 houve uma emigração tão grande em Portugal. No entanto, as diferenças são maiores do que as semelhanças, garante a historiadora Irene Pimentel. “Dizer que é igual ao antigamente é dizer que é igual a estar na ditadura. O que não é.”



## Intervenção, eu?

Não é uma equação matemática. Se uma música conquista a rua ou a internet não se sabe. Pode prever-se, mas certeza a 100% não há. “O Zeca fez os ‘Vampiros’ quando estava a dormir no pinhal de Leiria com os amigos. Lembrou-se e escreveu. É uma música antifascista e anticapitalista, mas ultrapassou a vontade dele. Ele não gostava de ser considerado músico de intervenção, porque isso limitava”, explica Irene Pimentel.